

ACTAS DEL I CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

Santiago de Compostela, 2 al 6 de Diciembre de 1985

*Edición a cargo de
Vicente Beltrán*

**PPU
1988**

Portada: Motivo inspirado en la *matière de Bretagne*. Detalle de una columna procedente de la *Porta Francigena* de la Catedral de Santiago de Compostela. Comienzos del s. XII. Dibujo: S. Moralejo.

Primera edición, 1988

No podrá reproducirse total o parcialmente el contenido de esta obra, sin la autorización escrita de PPU.

© Vicente Beltrán

© PPU

Promociones y Publicaciones Universitarias, S.A.
Marqués de Campo Sagrado, 16
08015 Barcelona

I.S.B.N.: 84-7665-251-8

D.L.: B-14206-88

Imprime: Limpergraf, S.A. Calle del Río, 17 Nave 3. Ripollet (Barcelona)

Os nomes dos trovadores. Algumas anotações para umha fixação possível

*José Luis Rodríguez
Universidad de Santiago*

Desde a década de 40 do século passado, em que um dos primeiros editores, o visconde de Varnhagen, julgava pertencerem todas as poesias do Cancioneiro da Ajuda a um único poeta,¹ à actualidade, em que possuímos estudos monográficos dos autores mais representativos do nosso trovadorismo, decorreram muitos anos de laboriosas e multifacetadas pesquisas que deitáram luz sobre estes poetas, perfilando-lhes os contornos, apurando-lhes as notas pessoais e aquilatando o respectivo peso específico.

As investigações tocáram também, logicamente, à onomástica dos poetas, conseguindo-se esclarecer muitos problemas já desde E. Monaci e T. Braga, os editores, de forma diplomática e crítica, do primeiro cancioneiro completo publicado, o da Vaticana.² De modo que quando o casal Paxeco-Machado publica o outro cancioneiro que insere atribuições nominais, o ex-Colocci Brancuti,³ já umha plêiade de estudiosos, com D. Carolina Michaëlis à frente, tinha elaborado umha elementar ficha de identidade, quando nom autêntica biografia, de um grande número de autores.⁴ E nos últimos vinte e cinco anos, a edição crítica dos trovadores, espremendo com freqüência os poucos dados disponíveis, directos ou indirectos, tem-se revelado fundamental para outorgar passaporte individualizado para a República das Letras aos nossos primeiros poetas.

Ainda assim, vacilações do tipo *Códax/Codax*, *Moxa/Moya*, etc., ensombrecem o seu registo pessoal, e talvez nom sejam resolúveis, de maneira definitiva, nunca. Ficam, desta arte, fora do propósito da presente comunicação, qua nom pretende, tampouco, oferecer reflexões filológicas novas ou resultados provenien-

tes da exploração documental a respeito de alguns nomes trovadorescos, investigação indispensável, com certeza, para estabelecer amiúde conclusões seguras, mas que, para obter resultados frutíferos, deverá realizar-se metodicamente, de forma supra-individual e ainda pluridisciplinar.

No entanto, e dentro da seguridade com que nos movemos a respeito da denominação da maioria dos autores, chama a atenção a flutuação gráfica, e por vezes vocabular, com que se apresentam os nomes de muitos dos poetas, nomeadamente já às divergências óbvias entre as formas da época e as modernas galegas e/ou portuguesas. Por exemplo, se atentarmos à nomenclatura oferecida numha das obras mais seguras, o *Repertorio* de G. Tavani,⁵ verificamos alternâncias como:

- *Afonso*, 9 poetas, mas *Alfonso*, 2 poetas (o Rei Sábio/Alf. XI)
- *Airas*, 1 autor, mas *Ayras*, os restantes 6 casos.
- *Estevam*, 4 autores, mas *Estevan*, 4 autores igualmente.
- *Fernam*, 2 autores, mas *Fernan*, 10 autores.
- *Joham*, 4 poetas, mas *Johan*, em 18 casos.

enfim, mesmo:

- *Dom* (Josep), 1 vez, face a *Don*, os restantes 20 exemplos. E, o que é ainda pior, o desacordo passa do nome dos autores a afectar o número total de trovadores do nosso corpus lírico, como pode ver-se comparando o «Índice dei poeti» do *Repertorio* de Tavani (157 entradas) com a «Nomenclature» das *Recherches* de J.-M. d'Heur⁶ (153, só):

TÁBUA DE DISCREPÂNCIAS NUMÉRICAS ENTRE O «ÍNDICE» (G. TAVANI) E A «NOMENCLATURE» (J.-M. D'HEUR)

<i>T. = D'H.</i>	<i>T. = D'H</i>	<i>T. = D'H</i>	<i>T. = D'H</i>
2 = 4	15 = 16	40 = 39	74 = 72
3 = -	16 = 17	41 = 40	75 = 73
4 = 5	17 = 18	42 = 41	76 = 75
5 = 6	18 = 2	43 = 42	77 = 76
6 = 7	19 = 3	44 = 43	78 = 79
7 = 8	20 = 19	66 = 67	79 = 77
8 = 9		67 = 74	80 = 78
9 = 10	30 = 33	68 = 66	81 = 80
10 = 11	31 = 30	69 = -	82 = 81
11 = 12	32 = 31	70 = 68	83 = 82
12 = 13	33 = 32	71 = 69	84 = 83
13 = 14		72 = 70	85 = 84
14 = 15	39 = 44	73 = 71	86 = 85

87 = 86	107 = 105	125 = 121	143 = 140
88 = 87	108 = 106	126 = 120	144 = 142
89 = 88	109 = 107	127 = 122	145 = 143
92 = 89	110 = 108	128 = 123	146 = 144
93 = 92	111 = 109	129 = 130	147 = 145
94 = 93	112 = 110	130 = 125	148 = 146
95 = 94	113 = 111	131 = 126	149 = 141
96 = 95	114 = 112	132 = 127	150 = 147
97 = 96	115 = 113	133 = 128	
98 = 97	116 = 115	134 = 129	152 = 148
99 = 98	117 = 119	135 = 133	153 = 149
100 = 99	118 = 114	136 = 134	154 = 150
101 = 100	119 = 118	137 = 135	155 = 152
102 = 101	120 = 131	138 = 136	156 = 153
	121 = 116	139 = 137	157 = 20
104 = 102	122 = 117	140 = 139	
105 = —	123 = 132	141 = 138	
106 = 104	124 = 130	142 = —	

Vejamos agora quais as razões destas divergências numéricas:

a) O n.º 2 de Tavani («Afonso Eanes do Coton») corresponde ao 4 de J.-M. d'Heur, pertencendo o citado número neste autor a «Afonso [X], rei de Castille-León». Tavani opta por *Alfonso*, para os dois reis castelhanos, enquanto J.-M. d'Heur o faz por *Afonso*. Afastando-nos dos dois investigadores, julgamos que se deverão seguir as atribuições coloccianas, onde consta *Afonso* ou, em todo caso, preferir *Afonso*, para «Afonso X», trovador em galego-português, e *Alfonso* para «Alfonso XI», trovador em castelhano.⁷

b) O n.º 3 de Tavani («Afonso Fernandez Cobolilha») não aparece em J.-M. d'Heur.

c) O n.º 20 e o 21 de Tavani («Alvaro Afonso» e «Arnaldo») correspondem-se com o 19 e 21 de J.-M. d'Heur. Mas este autor insere entre os dois poetas citados o epígrafe *anonymes*, com o n.º 20 (que Tavani deixa para o fim, com o n.º 157).

d) O n.º 30 de Tavani («Estevan de Guarda») ocupa o n.º 33 em J. M. d'Heur, por este nome ter considerado, a efeitos de ordenação alfabética, a preposição *de*, simples ou em contracção com o artigo, «conformément à la tradition bibliographique française»,⁸ com a consequente alteração na ordem, não no número, dos poetas, que se unifica a partir do n.º 33, mas que volta a desarmonizar-se.

zar-se no n.º 39 (por causa de «Fernan do Lago»), no 66 («Johan de Gaya»), 67 («Joham de Requeixo»), 92 («Martim de Caldas»), 93 («Martim de Ginzo»), 120 («Pero da Ponte»), 123 («Pero de Veer»), 124 («Pero d'Ornelas»), 126 («Pero Garcia d'Ambrá»), e 140 («Rodrigu'Eanes de Vasconcelos»)

e) O n.º 69 de Tavani («Johan Garcia, sobrinho de Nun'Eanes») nom existe em J.-M. d'Heur.

f) O n.º 78 de Tavani, correspondente a «Johan Soayrez Somesso» e 79, 80 («Johan Soarez Coelho» e «Johan Soarez de Pavha») nom se acham em idêntica relação em J.-M. d'Heur, por se encontrar neste autor o apelido *Soayrez* ordenado consoante grafema *y*, contra a prática prometida na explicação introdutória.⁹

g) O número 105 de Tavani pertecente a «Nunes» nom figura em J.-M. d'Heur, por este autor identificá-lo explicitamente com «Ayras Nunez», o que já foi proposto por M. Rodrigues Lapa.¹⁰ Parece-nos aceitável esta hipótese, por nom figurarem nos Cancioneiros poetas citados só polo patronímico.

h) Em Tavani «Pedr'Amigo de Sevilha» (n.º 116) e «Pedr'Eanes Solaz» (n.º 117) antecedem, logicamente, ao «Conde don Pedro de Portugal» (n.º 118), o que nom acontece em J.-M. d'Heur, que insere em primeiro termo «Pedro de Portugal, le comte», sem que consignamos adivinhar a razão.¹¹

i) O n.º 142 de Tavani («Roy Fernandiz, clérigo») e o 143 («Roy Fernandez de Santiago») aparecem unificados em J.-M. d'Heur sob o nome «Roy Fernandez, clerc de Saint-Jacques» (n.º 140).

Existem pois entre os dous investigadores critérios diferentes que afectam à catalogação alfabética e ao número de autores. Para J.-M. d'Heur nom existem, como se tem indicado, «Afonso Fernandez Cobolilha» (T. 3), «Johan Garcia, sobrinho de Nun'Eanes» (T. 69), «Nunes» (T. 105) e «Roy Fernandiz, clérigo» (T. 142). Observa-se, assi mesmo, neste autor, umha menor cautela à hora das propostas, com o que resultam simplificados alguns dos problemas que Tavani se contentou só com pôr. Algumha vez, cumpre dizê-lo, esta resolução de dificuldades vem dada por contributos de outros investigadores realizados com posterioridade à publicação do *Repertorio*. Assi, o «jogar de Sarria», que para Tavani é «Afonso (o Álvaro) Gomez» (n.º 5), para D'Heur reduz-se á primeira opção. Em «Afonso Soarez Samça», com apelativo de feição duvidosa que Tavani (n.º 10) assinala por meio do ponto de interrogação, resulta no investigador belga assi fixado definitivamente. A possibilidade de identificação entre Arnaldo e Arnaut Catalan, que Tavani (n.º 21) marca de novo com ponto de interrogação, devém certeza em J.-M. d'Heur (n.º 21). Nuno Treez figura no «Índice» (n.º 110) com ponto de interrogação a respeito do apelativo; na «Nomenclature» (n.º 108), desaparece tal reserva.

D'Heur pergunta-se ainda se «Estevan Fayán» (n.º 30) é identificável com

«Estevan Perez Froyan» (n.º 34). E acolhe também a possibilidade, proveniente neste caso de outras fontes, de que «Fernand'Esquio» e «Fernan do Lago» (n.º 38) sejam o mesmo poeta.¹² Enfim, prefere «Tamalancos» («Fernan Paez de», n.º 46) a «Talaman-cos» (T. 46), ambas testemunhadas polos códices, e, igualmente, «Nuno» («Fernandez de Mirapeyxe», n.º 101, 103) a «Monio», às avessas que Tavani (n.º 103).

Queremos agora referir-nos a outro tipo de discordâncias que nom aponta tanto para o número total ou ordem de catalogação dos trovadores como para problemas de fixação gráfica (e mesmo fono-léxica) da onomástica trovadoresca.

a) *i/y*.

- Tavani: Alvīm (Martin Perez, 96); Faīan (Estevan, n.º 31); Viviaez (Pero, 136).
D'Heur: Alvym (95); Fayan (n.º 30); Vyvyaez (134).
Tavani: Avoyn (Johan Perez d', 75); Esquyo (Fernand', 38).
D'Heur: Aboīm (73); Esquio (38).

b) *-m/n*

- Tavani: Estevam (Fernandiz d'Elvas, 33; Reimondo, 35; Travanca, 36); Fernam (Gonçalvez de Seavra, 44; Padrom, 45); Joham (de Requeixo, 67; Fernandez d'Ardeleyro, 68; Garcia de Guilhade, 70; Zorro, 83); Martim (Soarez, 97); Padrom (Fernam, 45).
D'Heur: Estevan (32; 35; 36); Fernan (43; 45); Johan (74; 66; 68; 82); Martin (96); Padron (45).
Tavani: Avoyn (Johan Perez d', 75); Bayan (Afonso Lopez de, 6); Fernan (do Lago, 39); Vuytoron (Ayras Perez, 16).
D'Heur: Aboim (73); Bayam (7); Fernam (44), Vuyturom (17)

c) *vogal dupla/vogal simples*.

- Tavani: Martins (Vasco M. de Resende, 153), Martinz (Pero, 132; Roy M. do Casal, 145; Roy M. d'Ulveyra, 146); Men (Paez, 99; Rodrigues de Briteyros, 100; Rodriguiz Tenoyro, 101; Vasquez de Folhete, 102); Mendez (Afonso M. de Besteyros, 7), Mendiz (Garcia M. d'Eixo, 53; Johan M. de Briteyros, 73); Mendinho (98); Vasquez (Men V. de Folhete, 102).
D'Heur: Martiins (149), Martiinz (127; 143; 144); Meen (98; 99; 100; 101); Meendez (8), Meendiz (53; 71); Meendinho (97). Vaasquez (101).

d) *-z/s*

- Tavani: Fernandez (Fernan F. Cogominho, 40); Gonçalvez (Diego G. de Montemor-o-Novo, 26; Fernam G. de Seavra, 44); Martinz (Garcia, 52); Perez (Martim P. Alvīm, 96); Soarez (Johan S. Coelho, 79; Martim, 97).

- D'Heur: Fernandes (39); Gonçalves (26; 43); Martins (52); Peres (95); Soares (77; 96).
Tavani: Soares (Garcia, 55).
D'Heur: Soarez (55).

e) -iz (-is)/-ez (-es)

- Tavani: Fernandiz (Estevan F. Barreto, 32; Estevan F. d'Elvas, 33; Galisteu, 51); Mendiz (Pero M. da Fonseca, 133); Vasquíz (Johan V. de Tala-veyra, 81).
D'Heur: Fernandez (31; 32; 51); Meendez (128); Vasquez (80).
Tavani: Gonçalves (Reymon, 138); Rodrigues (Men R. de Briteyros, 100).
D'Heur: Gonçalvis (136); Rodriguiz (99).

f) Nasalidade vocálica/nom nasalidade

- Tavani: Ambrôa (Pero Garcia d', 126); Meôgo (Pero, 134).
D'Heur: Ambroa (120); Meogo (129).

g) hiato (?) / ditongo (?)

- Tavani: Pay (Gómez Charinho, 114; Soarez de Taveiros, 115).
D'Heur: Pae (112), Pae [Paay] (113).

h) Outros:

- só gráficas (?): *b/v*, *-h/-l-*, *n/nn*, *s-/ss-*, etc.
Tavani: Avoyn (Johan Perez d', 75); Johan (Nunez Camanez, 74); Eanes (Per' E. Marinho, 119); Somesso (Johan Soayrez, 78); Porto Carreyro (Pero Gonçalves de, 128).
D'Heur: Aboim (73); Johan (72); Eannes (118); Ssomesso (79); Portocarreyro (123).
– fono-léxicas:
Tavani: Alvim (Martim Perez, 96); Bardia (Pero de, 122); de Genua (Bonifaz, 23); Josep (84); Moxa (Martim, 94); Vuytoron (Ayras Perez, 16).
D'Heur: [de] Aluvym (95); Berdia (117); [Calvo] de Gênes (23); Josepe (83); Moya (93); Vuyturom (17).

Enfim, como curiosidade se se quer, é possível ainda apontar que G. Tavani incorpora com muita frequência o honorífico «don». Os seguintes poetas aparecem com esta anteposição em Tavani e nom em D'Heur: Estevan Perez Froyan (34); Fernan Fernandez Cogominho (40); Fernan Garcia Esgaravunha (43); Gonçal' Eanes do Vinhal (60); Gonçalo Garcia (61); Johan Mendiz de Briteyros (73); Johan Perez d'Avoyne; Josep (84); Lopo Lias (87); Men Rodrigues de Briteyros (100); Pedro de Portugal (O Conde, 118); Pero Gomez Barroso (127); Roy Gomez de Bre-

teyros (144); Vasco Fernandez Praga de Sandin (151). Só três autores levam em J.-M. d'Heur, como em Tavani, tal título (entre parêntese): Fernan Paez de Tamalancos (46); Gil Sanchez (57); Gomez Garcia (59).

Como se vê, faltam uns critérios explícitos que orientem as escolhas. Nom se pode afirmar que existem práticas mais ou menos arcaizantes num, mais ou menos modernizadoras noutro, porque umhas e outras convivem num mesmo investigador, o que nom quer dizer que as médias resultantes de um possível cômputo fossem iguais. Assi, em Tavani nom aparece um único antropónimo grafado com vogal dupla etimológica, enquanto em D'Heur se observa quase totalmente a prática contrária.¹³ Porém, Tavani inclui mais formas em *-iz*, com respeito a *-ez*, que D'Heur, e mais em *-z* que em *-s*. Logicamente em princípio, nem Tavani nem D'Heur inserem variantes em *-iz*, mais arcaizantes ou latinizantes, em patronímicos como: Goterrez, Lopez, Nunez, Paez, Perez, Sanchez, Soarez, Viviaez...,¹⁴ decerto por nom aparecerem dessa maneira nos manuscritos.¹⁵

Ambos grafam também sistematicamente Eanes (e Anes), nunca com *-z*, de forma acertada, pola mesma razom e, neste caso, por outras.¹⁶

Mas quando o testemunho dos códices é dúplice, ou múltiplice, a respeito destes problemas, é preciso fixar o que justifica a eleiçom de umha variante sobre a(s) outra(s). Simplesmente o critério da representaçom maioritária? Ou é justo considerar elementos correctores? E mesmo com o testemunho unânime dos manuscritos, até que ponto é indiscutível seleccionar v. gr. «Rodrigues», para uns autores, e «Rodriguiz» ou «Rodriguez» para outros,¹⁷ polo menos quando coincidentes geográfica e cronologicamente?

Perante estas consideraçons, que poderám nom parecer desajuizadas, umha questom prioritária se impom: é realmente possível umha fixaçom?

Para umha fixaçom possível

Umha fixaçom absoluta parece difícil, a nom admitir-se certa arbitrariedade nalgunhas escolhas. No entanto, consideramos factível reduzir amplamente a margem de flutuaçom, se praticamos a fidelidade aos manuscritos mas nom um respeito sacral. Duas observaçons cumpre ter presentes como ponto de partida:

1) Nom possuímos o manuscrito primitivo, o arquétipo na análise de Tavani, dos Cancioneiros.¹⁸ Mais ainda, os apógrafos do corpus trovadoresco, mais completos, som copiados na Itália e quinhentistas, e as indicaçons de auditoria incluídas a posteriori... O próprio Cancioneiro da Ajuda, lavrado fora do território lingüístico galego-português. Os textos, pois, deverám ser considerados à luz dos diversos factores que, em diverso grau, os condicionárom.

2) A língua dos trovadores, língua literária, apesar de seleccionada e forte-

mente unitária, nom deveu ficar alheia, nos cento e cinquenta anos de floraçom trovadoresca, à evoluçom idiomática. O qual aponto para a legitimidade de formas concorrentes distintamente evoluídas. Tampouco deveu ficar de todo alheia às variantes dialectais actuautes na sua base, o qual aponta na mesma direcçom.

Desta arte, e para promover critérios adjuvantes a umha adequada harmonizaçom da onomástica trovadoresca, na sua face lingüística, passamos a agrupar as divergências atrás enumeradas entre Tavni e D'Heur, segundo a sua especificidade, e a ofrecer algumas sugestons.

A) Problemas gráficos. É o caso da concorrência *i/y* (e até *j*) e, especialmente, o da representaçom da nasalidade final, para o qual contam *-m*, *-n* e mesmo o *til* de nasalidade. Nom sendo operante recorrer a freqüências de uso, variantes conforme os textos e, em todo caso, discutíveis,¹⁹ é preciso, neste ponto, à falta de melhor, acudir a critérios extra-trovadorescos para forçar umha decisom. Pessoalmente optamos por *i* e *-m*, na linha de Luís F. Lindley Cintra e a sua equipa,²⁰ e, recentemente, no campo trovadoresco, de Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos.²¹

Também nos pronunciamos pola eliminaçom do *-h-*, intervocálico, como pretenso indicador de hiato.²²

B) Problemas grafo-fonéticos. Parece-nos incluírem-se aqui os casos de alternâncias vogal dupla/vogal simples (v. gr. *Mem/Meem*), *-z/-s* (tipo *Soarez/Soares*) ou *-iz/-ez* (*Rodriguiz/Rodriguez*).

C) Outros (Morfo-léxicos). Pensamos na alternância entre formas plenas e formas reduzidas (p. ex., *Meendo/Meem*, *Josepe/Josep*, etc.) ou em casos de insegurança tipo *Bardia/Berdia*, *Moxa/Moya*, etc.

Para um princípio de resoluçom entre as variantes dos dous últimos tipos (B e C), cumpre estabelecer hierarquia entre, por um lado, as formas testemunhadas polas próprias composiçons (*testemunho interno*), onde os elementos constituintes do verso (cômputo silábico, rima, acentuaçom, etc.) oferecem amiúde total garantia, e, por outro, as presentes nas legendas ou rubricas collocianas (*testemunho externo*), de valor inestimável para a autoria e crítica textual das cantigas, mas secundário quanto à exacta conformaçom (gráfica e fónica, principalmente) do nome do poeta. Mais ainda, entre os dous testemunhos citados (interno e externo) podemos mesmo invocar um terceiro: o dos textos contemporâneos (*testemunho paralelo ou epocal*), entendidos, cremos, como nom trovadorescos. Este testemunho resultará por vezes tam definitório como o anterior (quando nom mais).

À aplicaçom flexível destes três critérios convém adir, do nosso ponto de vista, um salutar conservadorismo na escolha entre variantes com semelhante prova testemunhal, de maneira a preferir a forma mais arcaizante, e geralmente mais plena, à mais evoluída, e habitualmente mais reduzida. Assi, obrigados a eleger entre *Vaasquez* e *Vasquez*, com parecida prova documental, optaremos pola primeira, e entre *Vaasquez* e *Vaasquiz* inclinaremos pola segunda.

Alguns resultados

Os exemplos mais relevantes do chamado testemunho interno venhem dados polos poetas que incluem o próprio nome nas suas composições. Praticam a «autonominatio» Joam Garcia de Guilhade à frente de todos, Fernand'Esquio, Joam Airas de Santiago, Joam Servando, Lopo Lias/Lians, Martim Moia/Moxa e Rodrigu'Eanes d'Alvares.²³ Trata-se porém de nomes, na sua maioria, pouco ou nada problemáticos quanto à sua conformação definitiva.²⁴

Outro importante grupo de nomes apoiado pelo mesmo testemunho surge das tençons, onde, com muita frequência, cada poeta cita nominalmente o contrincante. Eis aqui a lista de poetas co-autores de tençons:²⁵

Abril Perez

+ *Don Bernaldo* (= Bernal de Bonaval) (87)

Alfonso X, o Sábio

+ *Dom Arnaldo* (Catalam?) (430)

+ *Garcia Perez* (150)

+ *Paaí Gomez* (Charinho) (305)

+ *Dom Vaasco* (Gil) (422)

Afons'Eanes do Cotom

– *Pero da Ponte* em duas poesias (53 e 50, tençon?)

Afonso Sanchez

– *Vasco Martiiz* (de Resende)

Arnaldo (Catalam?)

– (Afonso X, o Sábio) (430)

Bernal de Bonaval

– *Abril Perez* (87)

Estevam da Guarda

– *Dom Josep* (125)²⁶

Garcia Perez

– (Afonso X, o Sábio) (150)

Joham Airas de Santiago

+ *Joham Vaasquiz* (248)

– *Rui Martuiz* (Toso) (179)

Joham Baveca

– *Pedr'Amigo* (de Sevilha) (196)

+ *Pero* (Garcia) *d'Ambroa* (341)

Joham Garcia de Guilhade

– *Lourenço*, em 2 cantigas (218 e 219)

Joham Perez d'Avoim

- *Lourenço* (222)
- *Joham Soares* (Coelho), em 2 composiçõs (221 e 223)

Joham Soares Coelho

- *Lourenço* (240)
- *Picandom* (241)
- + *Joham Perez* (d'Avoim), 2 tençons (221, 223)
- + *Juião* (Bolseiro) (251)

Joam Vaasquiz

- *Joam Airas* (de Santiago) (248)
- *Pedr'Amigo* (Mich, II, pp. 420-1)

Josepe

- + *Estevam da Guarda* (126)

Juião Bolseiro

- *Joam Soares/Soarez* (Coelho) (251)
- + *Meem Rodriguez* (Tenoiro) (302)

Lourenço

- + *Joam Garcia* (de Guilhade), 2 tençons (218 e 219)
- + *Joham* (Perez) *d'Avoim* (222)
- + *Joam Soares* (Coelho) (240)
- *Joam Vaasquez* (275)
- + (Martim Moxa) (278)
- *Pero Garcia/Dom Pedro* (Burgalês?) (274)
- *Rodrigu'Eanes* (Redondo) (273)

Martim Moxa/Moia

- (Lourenço) (278)

Martim Soares

- *Paai Soares* (de Taveiroos) (301)

Meem Rodriguiz Tenoiro

- *Juião* (Bolseiro) (302)

Paai Gomez Charinho

- (Afonso X, o Sábio) (305)

Paai Soares de Taveiroos

- + *Martim Soares* (301)
- + (Pero Velho de Taveiroos) (Mích., I, n.º 394)

Pedr'Amigo de Sevilha

- + *Joam Baveca* (196)
- + *Joam Vaasquez* (Mich., II, pp. 420-1)
- + *Vasco Perez* (Pardal) (428)

Pero da Ponte

- + *Afons'Eanes* (do Cotom) 2 cantigas (53 e 50, tençom?)

- Pero Garcia, Burgales (?)
+ *Dom Lourenço* (274)
Pero Garcia d'Ambroa
– *Joam Baveca* (341)
Pero Martiiz
+ *Dom Vaasco* (Gil?) (423)
Pero Velho de Taveiroos
– (Paaí Soarez de Taveiroos) (Mich., I, n.º 394)
Rodrigo'Eanes Redondo
+ *Lourenço* (274)
Rui Martiiz/Toso
+ (Joam Airas de Santiago) (179)
Vaasco Gil
– *Dom Alfonso* (X, o Sábio)²⁷ (422)
– *Pero Martiiz* (423)
Vaasco Martiiz de Resende
+ *Afonso Sanchez* (66)
Vaasco Perez Pardal
– *Pedr'Amigo* (de Sevilha) (428)

Organizemos agora os dados onomásticos que facultam as tençons para tirar algumas conclusões a respeito dos dous últimos pontos indicados (B e C):

1) *vogal dupla/simples*

Martiiz (Vasco M. de Resende); *Meem* (Rodríguez Tenreiro); *Paaí* (Gómez Charinho; Soarez de Taveiros); *Vaasco* (Gil; Martiiz de Resende; Perez Pardal); *Vaasquez/Vaasquiz* (Joam).

Isto é, o problema de se os hiatos, originados pola queda de unha consoante intervocálica, son reais, ou se a duplicación vocálica era já, na altura, meramente gráfica. Questom complicada que foga às pretensións deste traballo.

As tençons parecen garantir a efectividade das dúas vogais, contra, por veces, o testemuño nom só das atribucións coloccianas mas dos propios apógrafos. Assi encontramos, v. gr., que em Afonso X o seguinte verso: «Don Meendo, vós veestes» é um heptassílabo (Lapa, 4, v. 1) e igualmente este: «Don Meendo, Do Meendo» (Lapa, 6, v. 1), e octossílabo estoutro: «Don Meendo de Candarei» (*ibid.*, v. 7). E «en San Paaio, – contra u eu ia», de Pero Garcia Burgalês (Lapa, 383, 7) é um decassílabo feminino. Nom obstante, existen indícios de que *Paaí*, por exemplo, podería contar tamén como monossilábico.

E é esta situación fluctuante a que nos vem confirmada, assi mesmo, por outros testemuños internos, a propósito dos nomes de outras personaxes inseridas no corpo do verso. Afonso'Eanes do Cotom considera «*Paaí* (Rengel)» como bissílabo,

mas «*Paio* (de maas artes) e, Pero Meendiz da Fonseca conta como bissilabo, nom trissilabo (Pa-ai-o). Em D. Pedro de Portugal (Conde de Barcelos) achamos «*Paai* (Varela)», provavelmente monossilábico, apesar da grafia dos manuscritos («*paay*»), e «*Martim Vasquez*», com contracção vocálica assegurada pela medida. Porém, em Estevam da Guarda, trovador igualmente tardio, «*Martim Vaasquez*», o mesmo jogral atingido pelo Conde de Barcelos, aparece em três cantigas, sendo trissilábico numha, bissilábico noutra, e duvidoso na terceira.²⁸

Parece pois, que mesmo no séc. XIV as duas vogais em hiato podiam funcionar como tais, se bem talvez só numha dicção cuidada, poética ou algo arcaizante. Isto autoriza, cremos, fixações do teor de *Meendiz, Martiiz, Vaasquez...*, *Meem, Meendo, Meendinho, Vaasco...*, quando apoiadas nalgum dos três testemunhos inicialmente apontados, embora minoritários.

2) -z/-s

Gomez (Paai); *Martiiz* (Vaasco); *Perez* (Abril; Garcia; Joam P. d'Avoim; Vaasco); *Rodriguez* (Meem); *Sanchez* (Afonso); *Soarez*²⁹ (Joam S. Coelho; Paai). *Vaasquez/Vaasquiz* (Joam). Mas: *Eanes* (Rodrigu').

Isto confirma a terminação -z como geral, nom só onde com justiça o fai Tavani, mas igualmente nos casos em que estampa a alternante -s (Alvares,³⁰ 139; Gonçalves, 138; Martins, 153; Nunes, 105; Rodrigues, 100; 109; 155), com a única excepção do aludido *Eanes*.³¹

O resto dos testemunhos internos de que dispomos nos Cancioneiros, facultados por antropónimos similares, harmoniza bem, em conjunto, com os dados oferecidos pelas tenções. Só limitando-nos ao «Índice onomástico» de Lapa,³² encontramos:

Diaz (Fernam; Fernam D. Estaturão; Martim; Pero; Sancha); *Fernandez/Fernandiz* (Joam), *Fernandiz* (Martim; Milia Sancha; Pero; Suer); *Gomez* (D.; Roi G. de Telha); *Gonçalvez* (Martim G. Zoralhone); *Lopez* (Afonso L. de Baiam; Elvira; Garcia L. del Faro; Marinha; Orraca), *Lopiz* (Tareija); *Martiiz* (Gonçalo; Pero; Roi/Rui); *Moniz* (Airas; Ansur; Joam; Maior); *Nunez* (Pero); *Ordonhez* (Pero); *Perez* (Elvira; Joam; Maria; Pero); *Rodriguez/Rodriguiz* (Alvar), *Rodriguiz* (Joam; Pero); *Sanchez* (Luzia); *Soarez* (Martim); *Vaasquez/Vasquez* (Martim). Ainda outros nomes, no mesmo «Índice», confirmam -z: *Alhariz, Blandiz, Codorniz, Fiiz, Tamariz*.³³

As excepções som: *Afonses* (Afonso); *Goncalvis* (Rui); *Joanes* (Joam), excepções comparativamente mínimas e, mesmo, susceptíveis de redução.³⁴

Contodo, e dentro da uniformidade geral em -z, algumas grafias parecem apontar para a desafricação, fenómeno que estava para iniciar-se ou já estava iniciado em certas zonas.³⁵ Neste aspecto, só um estudo sistemático, com base nos manuscritos da época e atento às diversas peculiaridades zonais, poderia deitar luz definitiva sobre o problema. Entretanto, umha prudencial atitude conservadora,

bem acorde com a especificidade de umha língua literária (e a dos trovadores nom é precisamente excepçom), parece-nos o mais pertinente, o que se traduz numha prática em favor de -z, contanto que exista umha mínima base em que sa apoie.

3) -iz/-ez

Como se vê polos exemplos explicitados no ponto anterior, só achamos a alternância *Vaasquez/Vaasquiz* (Joam) nos patronimicos facilitados polas tençons -visto em *Martiz* nom caber alternativa-, sendo todos os restantes em -ez. Nom obstante, alargando o exame aos outros antropónimos aduzidos polo «Índice onomástico» de Lapa, e ainda dentro da preponderância das formas em -ez, nota-se umha maior presença de -iz: *Fernandiz, Gonçalves, Lopiz, Rodriguiz*.

Deviam existir ainda as duas terminaçons, polo menos na maior parte dos antropónimicos, nas com a originária -iz já claramente em recuo. Face aos casos anteriores, onde a soluçom mais etimológica era a dominante, neste ponto parece dar-se a situaçom inversa. Só a exploraçom, e quantificaçom, do que chamávamos testemunho paralelo ou epocal, poderá confirmar, ou nom, neste caso o testemunho (interno e externo) dos apógrafos.

4) Outros

Paai Gomez ou *Paaio Gomez*?

Pero d'Ambroa, *Pero* da Ponte, *Pero* Garcia, ... mas *Pedr'* Amigo, D. *Pedro* de Portugal.

Esta alternância léxica entre duas formas alotrópicas do mesmo antropónimo encontra-se, con matizes diversos, noutros casos próximos, v. gr.: *Bernal/Bernaldo*, *Fernan/Fernando*, *Martim/Martinho*, *Meem/Meendo*... O uso parece querer reservar a forma reduzida para antes do apelido (ou equivalente) e a plena para as funçons «substantivas». Assi, em Airas Perez Vuitorom (Lapa, n.º 80) jogam «Fernan Diaz» (v. 1), mas «Don Fernando» (v. 14) E identicamente em Estevam Faiam (Lapa, 127), aliás com o mesmo antropónimo («Fernan Diaz», vv. 1, 10, vs. «Don Fernando», vv. 6, 15), em Afonso X (Lapa, 17) com «Pero da Ponte» (v. 1) e «Don Pedr(o)» (v. 19), e em Pero d'Ambroa (Lapa, 340): «Pero d'Armea» (v. 1), mas «Don Pedro» (vv. 8, 15). Nom faltam, porém, casos de igualaçom. O antedito Airas Perez Vuitorom, por exemplo, alterna noutra cantiga (Lapa, 76) «Don Bernaldo» (vv. 1, 8) com «Don Bernal» (v. 18).

Em casos de ambigüidade, pois, parece recomendável aplicar o esquema acabado de delinear, e assim escolher, v. gr., *Paai Gomez* Charinho face a *Paaio Gomez* Charinho, apesar de se ter iniciado já a generalizaçom das formas onomásticas plenas.

Outros problemas poderám ainda vir a ser esclarecidos, ou mais solidamente alicerçados, por esta linha de investigaçom. Por exemplo, Tavani selecciona *Galisteu* e *Romeu* (Joam), apesar de as atribuiçons de autoria grafarem «Galisteo» (com «Galasteu») e «Romeo» o que se nos afigura bem fundamentado, pois um *Galisteu*,

topónimo, rima com *greu, deu...* numha cantiga de Martim Soarez (Lapa, 284, vv. 34, 33, 31), e *romeu*, como *sandeu*, etc., nom só é assegurado pola rima como polo cômputo silábico –2 sílabas– nas ocorrências em que isto é factível.

Seriam precisos, contodo, trabalhos mais amplos e sistemáticos sobre a língua dos Cancioneros, assi como achados documentais significativos, para estabelecer definitivamente o perfil, e nom só onomástico, dos nossos primeiros poetas, primeiros, realmente, em tanta ordem de cousas.

Notas

1. Já antes de 1818 A. Ribeiro dos Santos, na *Notícia* que dá sobre o Cancioneiro ainda inédito, considerava «que as canções são todas de um unico poeta, tambem a uma só dama que amava extremamente e de quem era mal correspondido». Esta ideia foi bastante comum na época, visto, como se sabe, o Cancioneiro da Ajuda nom incluir indicações de autoria. Foi favorecida, assi mesmo, por se dispoem os poemas, na primeira edição fragmentária (a de Ch. Stuart, 1823), de maneira continuada, formando un todo.

A hipotética autoria foi atribuída a D. Denis, Joam Soarez de Paiva, Joam Coelho (por F. Diez!)..., e o Conde de Barcelos, por F.A. Varnhagen (*Trovas e Cantares de um Codice do XIV Seculo ou antes mui provavelmente o Livro das Cantigas do Conde de Barcellos*. (Madrid, 1849), quando já, dous anos antes, C. Lopes de Moura tinha tirado a lume umha pequena amostra do Cancioneiro da Vaticana (*Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz, pela primeira vez impresso sobre o manuscrito Vaticano...*) e verificado a pluralidade de autores e a coincidência de algumha composição com as do manuscrito da Ajuda. A F. A. Varnhagen custou-lhe muito «largar a ideia antiga», que o levou a novos erros em posteriores publicações. Por isto o escolhemos como representante desta inicial atitude da crítica. Cfr. C. Michaëlis de Vasconcelos, *Cancioneiro da Ajuda*, Halle, 1904 (2. vols.), vol. II, pp. 3 e ss., especialmente 21-22 e 26-29.

2. *Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana* (Halle, 1875) e *Cancioneiro portuguez da Vaticana* (Lisboa, 1873), respectivamente. T. Braga, «um moço português, que mal deixára os bancos da Universidade», segundo qualificação de C. Michaëlis referida a 1870 (cit., p. 29), com umha «preparação philologicamente insufficiente» (*ibid.*, p. 45) mas dotado de grande entusiasmo, realiza umha edição pretendidamente «crítica», que o será se atendermos mais à intenção que aos resultados (apesar de intuições por vezes extraordinárias). No seu índice onomástico, e reparando só nos poetas, surgem, entre outras, deficiências como: Ayra Perez Veituron, Galisto Fernandez, Joham Fernandes Dardeleyro, Joham (Dom) Mendes de Besteyros, Martin de Gijjo (*Frayson?*), Nuno Terez, Pero de Dardã, etc.

3. Elza Paxeco e José Pedro Machado: *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Antigo Colocci-Brancuti)*. Lisboa, 1949-64, 8. vols.

4. «Os resultados da monumental investigação realizada neste domínio por C. Michaëlis são ainda hoje o ponto de partida para todas as edições monográficas que, geralmente, se limitam a transcrever as notícias por ela fornecidas ou a completá-las com poucos elementos novos». Palavras justíssimas de Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos (*A lírica galego-portuguesa*, Ed. Comunicação, Lisboa, 1983, pp. 37-38).

5. *Repertorio metrico della lirica galego-portoghese*, Roma, Ed. dell'Ateneo, 1967, p. 373 e ss.

6. *Recherches internes sur la lrique amoureuse des troubadours galiciens-portugais (XII^e-XIV^e siècles)*. *Contribution a l'étude du corpus des troubadours*, s. 1, 1975, p. 14 e ss.

7. Cfr. ainda o que dizemos na nota 27.

8. *Op. cit.*, p. 14.

9. «j'ai fait compter le y grec peur un i latin (*loc. cit.*)».

10. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos trovadores medievais galego-portugueses*, Vigo, Ed. Galaxia, 1970, 2.^a ed., p. 114.

11. A menos que considere em todos os casos o nome «Pedro», mesmo quando a vogal final está elidida («Pedr»), e conte, contra o seu critério explícito (cfr. nota 7), a preposição *de*.

12. A sugestom é de Fernanda Toriello: *Fernand'Esquyo. Le poesie*, Adriatica Editrice, Bari, 1976, p. 23 e ss. No entanto, vejamos os reparos de Ricardo Carvalho Calero em «Sobre a identidade do trovador Fernam do Lago», in

Studia in Honorem Prof. M. de Riquer, Barcelona (no prelo), e, nestas mesmas Actas, o trabalho «Esquios o Lagos em terras de Ferrol».

13. As excepções som: Martins (Garcia, 52); Pae (Calvo, 110; de Cana, 111; Gomez Charinho, 112) mas vacilando com «Paay», entre parêntese, para P. Soarez de Taveirós (113); Paez (Afonso, 9; Ayra, 16); Vasco (Gil, 148; Martiñs de Resende, 149; Praga de Sandin, 151; Rodrigues de Calvelo, 152) e Vasquez (Johan V. de Talaveyra, 80).

14. No repertório de trovadores só figura un Goterrez (Pero, 129) e um Viviaz (Pero, 136), mas os outros patronímicos som neles muito mais frequentes. *Viviaz* corresponderá a *Viviam* ou *Viviano*, nome com certa presença nestes séculos. Cfr., por exemplo, Pilar Loscertales de G. de Valdeavellano: *Tumbos del monasterio de Sobrado de los Monjes*, Madrid, 1976 (2 vols.), II, p. 650.

15. No entanto, fora das atribuições collocianas, surge nos códices uma «Tareija Lopiz» (Lapa, cit. em nota 9, n.º 67, vv. 1, 6, 11, 16) que merece ter-se em conta. Veja-se o que dizemos mais adiante.

16. Provavelmente *Johannes* nom desenvolveu entre nós um patronímico em *-ici*, que originasse umha forma **Eanez* paralela à do castelhano *Yáñez*. Nos Cancioneiros documenta-se um Joan Joanes (Lapa, cit., n.º 138, v. 3), nítida formação romance em *-ez* que nom chegou a prosperar.

17. Em Tavani, concretamente, os seis poetas deste apelido repartem assi: «Rodrigues» (Men R. de Briteyros, 100; Nuno R. de Candarey, 109; Vasco R. de Calvelo, 155), «Rodriguez» (Fernan R. de Calheyros, 47; Fernan R. Redondo, 48), «Rodriguiz» (Men R. Tencyro, 101).

18. Cfr. «La tradizione manoscritta della prima lirica galego-portoghese», in *Cultura Neolatina*, XXVII, 1967, pp. 41-94, laborioso trabalho incluído posteriormente em *Poesia del duecento nella Penisola Iberica*, Roma, Ed. dell'Ateneo, 1969, pp. 79-179. As principais objecções respeitantes ao arquétipo som de Jean-Marie d'Heur: «Sur la tradition manuscrite des chansonniers galiciens-portugais», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, VII, 1974, p. 43. Resposta de G. Tavani em «A proposito della tradizione manoscritta della lirica galego-portoghese», in *Medioevo Romano*, VI, 1979, pp. 382-409.

19. Se possuíssemos os rolos ou rútilos, em que primeiramente se devêrom recolher as composições dos nossos poetas, encontraríamos já seguramente variantes individuais (do poeta ou do escriba) e/ou regionais, consoante a área geo-linguístico-cultural em que se movesse cada autor.

20. «Normas de transcrição para textos medievais portugueses», in *Boletim de Filologia*, XXII, 1973, pp. 417-25. Quando editámos Joan Airas (*El cancionero de Joan Airas de Santiago. Edición y estudio, Verba*, anexo 12, Santiago de Compostela, 1980), acompanhamos estas orientações com certa liberdade. Hoje seguiríamos-las muito mais de perto.

21. Cit. em nota 4.

22. A razão que invocamos é a sua falta de sistematicidade para estes usos, por umha parte, e, por outra, a dificuldade (e mesmo impossibilidade) de precisar, por vezes, quando um encontro vocálico (proveniente de queda consonántica) funciona em regime de hiato ou de contracção (ou ditongo).

Para os que acaso considerarem este critério e outros como demasiado modernizadores, e em consequência hipoteticamente deturpadores, remetemos à precisa consideração de Maria Ana Ramos (e Elsa Gonçalves) a este respeito: «Por modernização não se entende profunda transformação do texto; não é uma versão em português moderno: trata-se apenas de escolher a grafia mais moderna, desde que ela já tenha aparecido em algum dos manuscritos, mesmo que a sua utilização não seja sistemática» (*Op. cit.* em nota 4, p. 124).

23. Eis as referências dos manuscritos, para cada um dos sete autores respectivamente: B 741-V 343 (v. 13), B 744-V 346 (v. 13), B 746-V 348 (v. 11), B 751-V 354 (v. 1, com a variante «*Jam Garcia*»), B 755-V 358 (v. 17), B 787-V 371 (v. 10); B 1604-V 1137 (v. 2); B 1462-V 1072 (vv. 1, 5/7), B 1466-V 1076 (vv. 4, 15); V 1028 (v. 12); B 1340-V 947 (v. 14); B 917-V 504 (v. 1); B 975 (v. 5)-V 562 (vv. 5, 12 «*Janes*», 19).

24. Só cabem dúvidas a respeito de *Moia* (ou *Moxa*) e *Lias* (ou *Lians*). Quanto ao primeiro, Lapa (n.º 283, em nota) sintetiza assi: [Luciana Stegagno Picchio] «demonstrou a legitimidade desse nome, sendo *Moxa* propriamente a sua alcunha galego-portuguesa. Logo, ambos são válidos». Quanto ao segundo, vid. um resumo da questão a umha proposta em Silvio Pellegrini, «Il canzoniere di D. Lopo Liáns», in *Varietà romanze*, Bari, 1977, pp. 44 e ss.

25. Conforme ordenação alfabética. O signo de adiçom (+) indica poeta iniciador de tençon; o signo de resta (-), poeta receptor e respondente. Pomos en cursiva aquela parte (ou totalidade) das denominações que vem garantida por testemunho interno, ao ser inserida no corpo das tençons. O número a seguir entre parêntese corresponde à edição de Lapa (cfr. nota 10); a indicação «Mich.» refere-se à obra citada na nota 1. A lista total das tençons, numha apresentação diferente à que propomos, acha-se também em G. Tavani: *La poesia lirica galego-portoghese*, in *Grundriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters*, vol. II «Les Genres Lyriques», tome 1, fasc. 6, Heidelberg, 1980, pp. 132-3.

26. Com respeito a este antropónimo, esclarece Lapa (*loc. cit.*, em nota): «Mantemos a forma tal qual se acha nos textos, mas deveremos ler *Josepe*, com três sílabas».

27. Apesar de *Alfonso* (X) vir apoiado no testemunho mais qualificado que assinalávamos (o testemunho interno), note-se que nos referíamos também a umha «aplicação flexível» do mesmo. Neste caso aliás, além de *Afonso* ser galego-português e *Alfonso* nom (o meio castelhano em que se desenvolve a cantiga explica acaso o seu emprego —outro exemplo em Pero da Ponte, B 986-V 574, v. 25), o primeiro vam ainda avalado por outros testemunhos internos (v. gr. nas Cantigas de Santa Maria, cfr. a edição de Walter Mettmann, Coimbra 1959-72, 4 vols., vol. IV, s. v.).

28. Cfr. Lapa, n.º 124 (v. 1), 123 (v. 5) e 122 (v. 1), respectivamente.

29. Só em Joam Soarez Coelho aparece o patronímico com *s*— em B 1181 (Lapa, n.º 251), vv. 1 e 15, mas com *-z* no v. 29. V, neste (786) e noutros casos, apresenta sistematicamente *-z* (um total de 10 abonações), o que julgamos significativo.

30. Também este patronímico, na única ocorrência que apresenta, facilitada por testemunho externo (antecedendo a B 975-V 562), oferece *-s*.

31. Cfr. o dito na nota 16. Nas Cantigas de Santa Maria aparece, assi mesmo, um Eanes (*Cit.* em nota 27, IV, s. v.), em *-s* como os das cantigas profanas.

32. *Op. cit.*, pp. 643-52.

33. Vid. Lapa, *Op. cit.*, o «Índice onomástico», s. v. *Tamariz*, concretamente, aparece nos dous códices (B 1586-V 1118, Lapa 44, v. 21) com final em *-s*, mas garantido pola rima com «diz» e «Blandiz».

34. *Afonses* e *Joanes* só se documentam umha vez nos Cancioneiros (Lapa, 65, 1, 6, e 138, 3, respectivamente). Em *Gonçalvis* (Rui), só B (1312, v. 1) o dá em *-s*; V (917) em *-z*.

35. Luís F. Lindley Cintra considera esta inovação como própria «des parlers méridionaux», «y compris les alentours de Lisbonne», onde já desde a 2.ª metade do séc. XIII numerosas grafias trocadas testemunham a confusom (Cfr. o seu artigo «Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIII^e siècle», in *Revue de Linguistique Romane*, XXVII, 1963, pp. 72 e ss.).